

OBSOLESCÊNCIA LINGUÍSTICA EM XERENTE AKWÉN: DIGLOSSIA,
EMPRÉSTIMO E *CODESWITCHING*

RODRIGO MESQUITA*

SÍLVIA LUCIA BIGONJAL BRAGGIO**

RESUMO

Diglossia, empréstimo e *codeswitching* são considerados como algumas das principais ameaças para as línguas indígenas quando em contato com línguas não indígenas e de maior prestígio, geralmente a língua oficial da nação. Embora, por vezes, invisíveis aos seus falantes, os empréstimos e *codeswitchings* podem permear a língua indígena a tal ponto que seja quase impossível distinguir qual delas é a língua base. Este artigo trata destes temas junto à língua Xerente Akwén, povo indígena altamente bilíngue. O Xerente Akwén é uma língua indígena da família Jê, falada por 3.600 pessoas no estado de Tocantins, Brasil. Os dados foram coletados durante viagens a campo no ano de 2010. Observações, entrevistas pessoais e questionários foram recentemente descritos, analisados e mensurados através de um modelo estatístico. Os resultados mostram que há um grande número de empréstimos e *codeswitchings* feitos principalmente pelos mais jovens causando uma situação de diglossia. A obsolescência da língua indígena permanece uma questão em aberto a ser respondida.

PALAVRAS-CHAVE: línguas em contato, língua Xerente Akwén, empréstimos linguísticos, *codeswitching*, diglossia.

INTRODUÇÃO

Este trabalho está relacionado aos estudos sociolinguísticos de línguas indígenas brasileiras. Segundo a Unesco (2009),¹ o Brasil é 3º país em número de línguas em risco de extinção. Conforme este levantamento, feito por vários linguistas, 190 línguas indígenas correm risco de desaparecer no Brasil, sendo que 45 delas foram classificadas na categoria de risco mais elevado. Embora não se tenha uma exatidão nos números, estes dados são, de qualquer forma, alarmantes.

* Doutorando em Linguística na Universidade Federal de Goiás (UFG) Goiânia.

** Professora titular de Linguística na Universidade Federal de Goiás (UFG) Goiânia e pesquisadora 1D do CNPq, processo 300854/2009-9.

Em estudo recente (MESQUITA, 2009), procuramos descrever e analisar como se dá a entrada de empréstimos da língua portuguesa para o Xerente. Verificamos, então, que a língua indígena xerente passa por um intrincado processo de obsolescência, relacionado à entrada massiva e acelerada de empréstimos do Português e, como temos observado mais recentemente, ao uso de *codeswitching*. Nesse sentido, pretendemos, a partir do trabalho citado, discutir e analisar aspectos da atual situação sociolinguística do povo Xerente, em vista da situação de contato assimétrico e conflito diglótico.² Mais especificamente, veremos como alguns processos linguísticos na entrada de empréstimos do Português, operando sob determinadas variáveis extralinguísticas, podem apontar para uma situação de obsolescência da língua xerente. Na medida em que o fenômeno estudado pode ser discutido juntamente ao povo, esperamos contribuir para a educação escolar indígena e a vitalização da língua.

Os Xerente compõem um grupo cuja língua está filiada à família Jê, tronco Macro-Jê (RODRIGUES, 1986). O povo, em geral, é bilíngue em Xerente/Português (doravante L1 e L2).³ Atualmente, este povo habita o estado do Tocantins, região norte do Brasil, e soma uma população aproximada de 3.600 pessoas, distribuídas em 56 aldeias dentro das terras indígenas Xerente e Funil, devidamente demarcadas. Em pesquisa e artigo recente, Braggio (no prelo) aponta que em vista do contato intenso com a sociedade envolvente, falante de Português, há um alto grau de bilinguismo (*high bilingualism*) entre os Xerente, situação bastante vulnerável a receber empréstimos e *codeswitching* em sua língua.

Nossa pesquisa é de cunho sociolinguístico, por acreditarmos que estudos dessa natureza são o ponto de partida para determinar como se dá o processo de deslocamento de uma língua falada por uma minoria (a língua indígena), a partir do contato sociocultural e conseqüentemente linguístico com outro povo de cultura divergente (os não indígenas) e que detém a língua considerada oficial e majoritária.

Desse contato – quando se dá de forma assimétrica – emerge uma situação em que uma língua é considerada dominante e de prestígio, enquanto a outra é vista como dominada e estigmatizada. Nesse tipo de contexto, os empréstimos lexicais massivos feitos de línguas dominantes pelas línguas minorizadas podem ser considerados como potenciais

indícios de desvitalização dessas línguas e também da cultura dos povos que as falam (BRAGGIO, 2008).

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O referencial teórico que norteou nossa pesquisa em cada passo e nas conclusões a que chegamos conta principalmente com autores que analisam o fenômeno linguístico a partir da situação de contato assimétrico entre povos de cultura e língua minorizadas com sociedades majoritárias, nos mais diversos contextos. Entre estes autores estão Grosjean (1982 e 2008), Hamel (1988), McMahon (1994), Romaine (1995) e Nettle & Romaine (2000), entre outros. Tais estudiosos buscam trazer à luz, de uma forma geral, as razões pelas quais alguns grupos, em contexto de bilinguismo, conseguem manter sua língua materna, ainda que em posição assimétrica, enquanto outros não resistem às pressões externas, chegando à situação de morte da língua indígena.

Para Grosjean (2008), as principais razões para que um indivíduo ou grupo se torne bilíngue são os movimentos migratórios (econômico, educacional, político, religioso etc.), nacionalismo e federalismo, educação e cultura, comércio, casamento entre pessoas de nacionalidade/etnias diferentes etc. Para o autor, uma situação de bilinguismo existe quando uma pessoa ou grupo faz uso regular de duas línguas, podendo inclusive ser mais fluente no uso em uma delas. Esta visão contrapõe-se à visão bloomfieldiana de bilinguismo, que define o bilíngue como “um nativo com controle de duas línguas” (BLOOMFIELD, 1933, apud ROMAINÉ, 1995, p. 11). Para Grosjean (2008, p. 165), o bilinguismo

acontece precisamente porque as necessidades e usos das línguas são normalmente muito diferentes e os bilíngues raramente desenvolvem a mesma fluência nas duas línguas. O nível de fluência atingida numa língua (mais precisamente numa habilidade linguística) dependerá da necessidade de uso daquela língua e será específica ao domínio social (casa, trabalho, escola etc.). É, portanto, perfeitamente normal encontrar bilíngues que somente leem e escrevem em uma das línguas, mas que possuem fluência oral reduzida na língua e que só a usam com um número restrito de pessoas, ou que são capazes de discorrer sobre apenas um assunto particular em uma das línguas.

Ainda segundo o autor, quando se trata de situações em que um dos grupos é privilegiado política, econômica e culturalmente, a língua deste grupo, majoritária, tem mais prestígio, enquanto a língua minorizada é estigmatizada. Esta estigmatização pode ser gerada por atitudes negativas do próprio grupo majoritário, ao tachar a língua desprivilegiada de “sem sentido”, “vulgar” (GROSJEAN, 1982, p. 122). No entanto, este fato pode ter efeito contrário e causar a solidariedade do grupo para com a língua e a cultura de seu povo. Para o autor, “uma língua estigmatizada pode se tornar aceita e respeitada, o que pode ser causado pelo reconhecimento oficial da língua pelo governo, pelos movimentos de direitos humanos, pelos estudos de linguistas etc.” (p. 126).

Nesse sentido, Cox e Assis-Peterson (2007, p. 41) afirmam que,

quando falamos de bilinguismo e/ou diglossia, acentuamos [...] a desigualdade que há entre duas línguas ou duas variedades – uma tida como alta e outra como baixa – usada dentro das fronteiras de uma mesma comunidade em contextos discursivos diversos.

O empréstimo linguístico, no caso dos Xerente, que são altamente bilíngues, emerge de uma situação de contato linguístico e socio-cultural que dá margem à influência do Português. A forma como este fenômeno se dá é peculiar em cada contexto, em cada situação. Por um lado, se a situação de contato entre dois povos de cultura e língua divergentes é estável, com funções sociais definidas para cada língua, os empréstimos de uma língua para outra geralmente são encarados como uma ferramenta de ampliação lexical. Por outro lado, se a situação de contato é conflituosa e as línguas em questão possuem configurações de poder desiguais, o que em geral acontece quando há o contato entre uma língua indígena e a língua considerada oficial de uma nação, uma das línguas – a indígena – acaba se tornando mais vulnerável à entrada de elementos da língua de maior influência. Desta forma, a língua de maior prestígio pode penetrar desordenadamente na outra, muitas vezes levando-a ao deslocamento.

Grosjean (1982), ao tratar de bilinguismo, define empréstimo linguístico como o uso de uma palavra de outra língua, que é adaptada à língua base. O autor aponta como fator predominante para a adoção de empréstimos a inexistência de itens lexicais, em determinada lín-

gua, para a expressão de novos conceitos, objetos e lugares em função da necessidade de ampliação vocabular, dadas as novas experiências socioculturais e a necessidade de comunicação decorrente delas. Esta afirmação pressupõe, inclusive, uma situação de contato entre os povos falantes de línguas diferentes, contato este que Câmara Jr. (1991) considera como um “condicionamento” para a ocorrência de empréstimos.

Hamel (1988, p. 49), ao discutir a relação sociolinguística em situações de contato assimétrico, onde há a hegemonia de uma língua e cultura nacional em detrimento de grupos étnicos minorizados, afirma que “la lengua y cultura nacional están presentes, de diversas formas, en todos los espacios de los grupos étnicos, aún en aquéllos donde predomina a la lengua indígena”. Para o autor (1988, p. 66) “la decisión en cuanto al uso de una u otra lengua en una situación de conflicto diglósico se inserta en las relaciones generales de poder y de fuerzas simbólicas y no es interpretable sin ellas”.

No mesmo sentido, Nettle e Romaine (2000, p. 550) afirmam que, em geral, o grau de incorporação de palavras de outras línguas no léxico/vocabulário de uma língua pode ser tomado como medida de contato cultural. Em seus estágios finais, uma língua que está morrendo deverá ter tomado inúmeras palavras da nova língua, algumas delas para coisas novas, mas outras substituindo palavras nativas.

Dado que esse contato não se dá sempre da mesma forma, o que acontece é que, enquanto algumas línguas são mais resistentes à entrada de empréstimos, desenvolvendo mecanismos de adaptação às suas estruturas linguísticas específicas, outras os introduzem de forma direta e desordenada, incorporando-os como são na língua de origem. Neste sentido, Haugen (1973, apud GROSJEAN, 1982) faz uma distinção entre empréstimos “necessários” e “desnecessários”. Para Haugen, os empréstimos necessários são aqueles que preenchem lacunas lexicais em determinada língua. Os desnecessários, por sua vez, se dão de forma gratuita, ou seja, a língua que adota o empréstimo tem um item lexical de valor equivalente, mas não o emprega. Sob esse enfoque os termos destacados nos exemplos da língua xerente (1) e (2), a seguir, poderiam ser considerados empréstimos “necessários”, enquanto que os termos destacados nos exemplos de (3) a (5) poderiam ser considerados empréstimos “desnecessários”:

- (1) Tahã za sadu *vendê*.
Ele vai vender o colar.
- (2) Totahã za bols kmẽ *kõprá*.
Ela vai comprar bolsa.
- (3) Dasa *poca*-di
Tem pouca comida.
- (4) Badikre *buscá*... tãkt !
Vai buscar a rede... agora!
- (5) Totahã za *bols* kmẽ *kõpra*.
Ela vai comprar bolsa.

Nos exemplos (1) e (2) acima, os termos emprestados do Português remetem às noções de “vender” e “comprar” objetos. Anterior ao contato sociocultural com os não índios, essas ações não faziam parte do universo xerente, conseqüentemente não há termos na língua indígena que as designem com precisão. Assim, esses empréstimos “preenchem” as lacunas abertas devido às novas necessidades comunicativas.

Já no exemplo (3), o nome português “pouco” possui o equivalente Xerente “srure”. No exemplo (4), o verbo ‘kõri’ poderia ser utilizado no lugar da forma portuguesa “buscar”. Em (5), há em Xerente Akwẽn o nome “siktõre” (além de vários outros nomes, de diferentes tipos de bolsas), que denota a ideia de “bolsa”.

Nestas situações de contato, outro fenômeno que geralmente caminha lado a lado ao empréstimo é o *codeswitching*. Segundo Grosjean (2008, p. 175),

os bilíngües, em geral, escolhem uma das línguas de acordo com a situação, com o interlocutor, com o tópico e com a intenção da conversa. Esses fatores desencadeiam diferentes atitudes, impressões e comportamentos [...] Em poucas palavras, é o meio ambiente com um todo que causa no bilíngüe mudanças de língua juntamente com atitudes, sentimentos e comportamentos – e não a língua como tal.

Grosjean (1982, p. 145-146) define *codeswitching* como sendo a mudança de código envolvendo duas ou mais línguas num mesmo

enunciado. Essa mudança pode envolver uma palavra, uma frase, uma sentença ou até mesmo várias sentenças.

Não há na literatura um consenso a respeito dos sistemas linguísticos do bilíngue e nem sobre como se dão os processos psicolinguísticos que atuam durante a percepção, compreensão e produção da língua. Assim, há questões sobre como os falantes bilíngues processam a linguagem, ou seja, como esta é armazenada na memória, se há um ou dois léxicos e de que maneira eles são ativados ou desativados.

Contudo, a maior parte dos bilíngues alterna as línguas numa situação normal de discurso e, segundo Oliveira (2002, p. 93, com base em autores como CLYNE, 1980; PFAFF, 1979; POPLACK, 1980 e SRIDHAR e SRIDHAR, 1980), “esta alternância de códigos natural dura pouco tempo, não é arbitrária, mas é baseada em regras”. Pfaff (1979, apud OLIVEIRA, 2002) defende que este comportamento é governado por restrições semânticas e estruturais, resultado natural da rede das duas gramáticas. Sridhar e Sridhar (1980, apud OLIVEIRA, 2002) concluíram que os sistemas das duas gramáticas são separados, mas interagem para formar frases com alternância de códigos. Clyne (1980, apud OLIVEIRA, 2002) propôs que a alternância de línguas afeta apenas a estrutura de superfície da comunicação enquanto o significado das palavras e das frases é armazenado num nível metalinguístico mais profundo de representação.⁴ No entanto, para estes autores, o *codeswitching* deve mesmo ser considerado como um índice de uma elevada competência comunicativa em cada uma das duas línguas e não deve ser confundida com interferência ou empréstimo.

Na concepção de Braggio (1998, p. 127),

nem sempre é fácil distinguir empréstimo de mudança de código quando elas ocorrem no interior de uma enunciação. Geralmente, a mudança de código é a passagem direta de uma língua para a outra, enquanto o empréstimo requer uma adaptação, uma integração à língua que se está usando como base, como matriz.

Por fim, alguns estudos sobre a língua Xerente Akwéñ também compõem a base teórica deste trabalho. Entre os estudos de natureza linguística estão os trabalhos realizados pelos pesquisadores do Línguas Indígenas Brasileiras Ameaçadas de Extinção - LIBA (BRAGGIO,

2003 e 2008; SOUSA FILHO, 2000 e 2007; SIQUEIRA, 2003; VIEIRA, 2005; GRANNIER e SOUZA, 2005; MESQUITA, 2009; SOUZA, 2008) e o de Mattos (1973), que realizou o primeiro estudo descritivo acerca da fonologia da língua xerente, propondo assim a ortografia que ainda hoje é utilizada nas escolas indígenas no processo de alfabetização. A ortografia da língua proposta por Mattos (1973) também foi utilizada mais tarde no dicionário escolar Xerente-Português-Xerente, de Krieger e Krieger (1994), o único publicado, e que já traz algumas observações preliminares acerca de elementos gramaticais da língua. Os estudos de Braggio (1992, 1997, 2000, 2002, 2003a, 2003b, 2005a, 2005b, 2006 e 2008) e Sousa Filho (2000) ajudaram a compreender a realidade sociolinguística dos Xerente.

2 CONTEXTO E METODOLOGIA

O trabalho de campo para o fim dessa pesquisa envolveu métodos de coleta sistemática de dados linguísticos, através de observações e anotações em diário de campo e trabalhos com auxiliares de pesquisa para aplicação de listas de palavras divididas em campos semânticos, respondidas na forma oral, gravadas, as quais, devidamente transcritas, orientaram a coleta e análise de dados acerca dos empréstimos de L2 para L1 e sua relação com a vitalização ou deslocamento da língua indígena. Desta mesma base de dados, além de outros coletados em janeiro de 2010, começamos a vislumbrar como se dá o fenômeno do *codeswitching* entre os Xerente.

Os itens lexicais selecionados para compor as listas, totalizam 169 itens e tentam representar os “novos” elementos que foram introduzidos na língua indígena. Neste sentido, foram selecionadas palavras que envolvem semanticamente as ideias de i) veículos e transportes; ii) ferramentas e armas; iii) objetos e utensílios domésticos; iv) roupas e acessórios; v) comidas e bebidas; vi) medicina ocidental; vii) escola e viii) esportes. Acreditamos estar nessas palavras, de uso cotidiano dos Xerente, uma maior probabilidade de encontrar os empréstimos, já que é nelas que observamos com mais frequência os indícios do contato entre as duas línguas, Português e Xerente Akwéñ.

Para a coleta de dados fizemos quatro viagens a campo. A primeira, em julho de 2005. As outras três viagens ocorreram, respecti-

vamente, em novembro de 2006, maio e setembro de 2007. Em cada oportunidade, permanecemos por cerca de 15 a 20 dias, alternando entre as aldeias Traíra e São José, e a cidade de Tocantínia. Em ocasiões específicas, pudemos ainda conhecer várias outras aldeias. No entanto, o nosso foco, para fins de amostragem, manteve-se nos falantes que habitam as duas aldeias citadas, assim como nos indígenas que vivem em Tocantínia, a cidade mais próxima. Em ambos os espaços, todos os Xerente são bilíngues em Português e Xerente Akwén.

Nas idas a campo, pudemos observar o fenômeno do empréstimo no contexto natural da língua em seu uso cotidiano, ponto que consideramos de extrema importância na coleta de dados. Para Hamel (1988), este procedimento torna os resultados mais confiáveis, especialmente em situações de conflito linguístico.

Ainda durante o trabalho de coleta de dados, contamos com o apoio dos auxiliares de pesquisa Bonfim Sirnãzê, Maurício Sirõne e Selma Xerente.

O corpus desse trabalho contou com a participação de 59 falantes indígenas, sendo que 40 vivem nas aldeias Traíra e São José e outros 19 moram em Tocantínia. Na aldeia Traíra vivem efetivamente 45 famílias, totalizando 27 índios, homens e mulheres, em todas as faixas etárias. Na aldeia São José, há também um total 5 famílias, somando 21 pessoas. Considerando que foram excluídas da amostragem apenas as crianças menores de 7 anos, contamos com a participação de 100% dos habitantes das duas aldeias. Para efeito de quantificação dos dados, foram somados os habitantes das aldeias Traíra e São José, sem distinção entre elas, por não percebermos diferença relevante nos dados de ambas e para uma melhor composição numérica das células sociolinguísticas. Em Tocantínia vivem cerca de 300 indivíduos Xerente, distribuídos em torno de 50 famílias.⁵ Embora a amostragem na cidade não tenha abarcado uma quantidade representativa de falantes em todas as faixas etárias e nos diferentes sexos, pudemos utilizar estes dados pelo menos nas células sociolinguísticas que continham, no mínimo, 5 falantes. Procuramos, no entanto, trabalhar com colaboradores de ambos os sexos e de quatro faixas etárias:

- 1) até 10 anos (crianças);
- 2) de 11 a 20 anos (+jovens);

- 3) de 21 a 49 anos (+-jovens); e
- 4) 50 anos ou mais (velhos).

À proposta de Braggio (2005b) que, para fins de pesquisa linguística, dividiu os Xerente em três gerações, acrescentamos a primeira, ou seja, a das crianças com até 10 anos de idade, para termos a compreensão do fenômeno do empréstimo em uma maior dimensão. Isso porque são justamente essas crianças os futuros falantes das próximas gerações, e depende delas o que será transmitido às futuras gerações, cultural e linguisticamente.

Além da idade, procuramos inicialmente trabalhar com outras variáveis sociolinguísticas, tais como sexo, espaço e escolaridade, que mais tarde foram refinadas, ou pela relevância ou pela disponibilidade dos dados.

Os dados foram gravados com equipamento digital, em arquivos no formato MP3. Como as gravações foram feitas em locais diversos, tanto na aldeia como na cidade, alguns arquivos apresentaram dificuldades para a transcrição, devido às interferências sonoras provocadas pelo vento, barulho das crianças, automóveis e animais, entre outros. Todo o material foi transcrito foneticamente e, para tanto, utilizamos os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA).

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS⁶

3.1 Tipologia e propriedades linguísticas dos empréstimos em Xerente Akwén

De acordo com suas características morfológicas e fonético/fonológicas, classificamos os empréstimos em quatro modelos, conforme a tipologia proposta por Grosjean (1982): a) empréstimos por criação; b) *loanblends*; c) empréstimos com adaptação fonológica e d) empréstimos diretos.

3.1.1 *Empréstimos por criação*

Nos empréstimos por criação (GROSJEAN, 1982), duas ou mais palavras já existentes na L1 são combinadas para expressar o conceito

contido nas novas palavras da L2. É o que comprovam os dados da língua xerente.

- | | |
|--|---------------|
| (6) [twra - wra - nõku ¹ da]
ferro correr alimento
(literalmente (lit.): ‘alimento do ferro que corre (carro)’) | ‘combustível’ |
| (7) [twra-wra- ¹ pra]
ferro correr pé
(lit.: ‘pé do carro’) | ‘pneu’ |
| (8) [kumkõ - şnok ¹ da]
espingarda alimento
(lit.: ‘alimento da espingarda’) | ‘munição’ |
| (9) [tkai - zapar - ¹ zɛ]
terra acolher/pegar NMZ ⁷
(lit.: ‘pegador de terra’) | ‘pá’ |

Esses empréstimos lexicais, como podemos observar, respeitam a gramática da língua xerente, quanto aos seus aspectos fonético/fonológicos e morfológicos. São empréstimos de conteúdo semântico, em que as palavras já existentes na língua são utilizadas com uma nova concepção isolada. Assim, “a união de duas palavras [ou mais] referindo-se a um outro conceito passa a ser encarada como um termo novo. A palavra composta representa uma ideia única e autônoma, diferente das ideias reveladas pelos termos que as compõem” (CARVALHO, 1989, p. 25).

Vale ressaltar que esses empréstimos foram criados pelos +velhos ou +jovens, e, em alguns casos, foram adotados pelos +jovens e crianças, conforme observamos.

3.1.2 *Loanblends*

O termo *loanblends* (GROSJEAN, 1982) designa uma modalidade de empréstimos na qual os compostos são formados por uma parte emprestada do Português e outra originária da língua indígena. Esse

processo de criação de novas palavras é bastante produtivo em Xerente, como podemos observar:

- (10) [**had** - nɔku¹da] ‘pilha’
 rádio alimento
 (lit.: ‘alimento do/para rádio’)
- (11) [**kah** - nɔkrda - vēde - ¹zɛ] ‘posto (de combustível)’
 carro alimento vender NMZ
 (lit.: ‘vendação de [lugar de vender] alimento do carro’)
- (12) [**kah**-¹pra] ‘pneu’
 carro pé
 (lit.: ‘pé do carro’)
- (13) [**kamīaw**-¹re] ‘carro’
 caminhão DIM
 (lit.: ‘caminhão pequeno (caminhãozinho)’)
- (14) [**kafɛ** - zɔpar - ¹zɛ] ‘garrafa de café’
 café colocar NMZ
 (lit.: ‘colocador de café’)
- (15) [**lapiɕ**-krēkwa-¹zɛ] ‘apontador’
 lápis apontar NMZ
 (lit.: ‘apontador de lápis’)

Os empréstimos do tipo *loanblend*, em Xerente, apresentam, de uma forma geral, características fonético/fonológicas inerentes às características da própria língua indígena, se observarmos a palavra como um todo. No entanto, a parte emprestada do Português pode ser adaptada ou não aos moldes da língua indígena.

3.1.3 *Empréstimos com adaptação fonético/fonológica*

Nesta modalidade de empréstimos os itens lexicais emprestados de uma língua são fonologicamente adaptados àquela que os incorporou. Romaine (1995) utiliza o termo “nativização” para caracterizar este processo de “filtragem” por que passam os termos emprestados da L2 para L1. Assim, quando um fonema do português não existe no

Xerente, por exemplo, este é adaptado através da substituição por outro mais próximo, segundo o ponto ou o modo de articulação.

- Substituição consonantal

Xerente	Português
(16) [bu ¹ z̥w] ʒ → z _l	‘garrafa de plástico (bujão)’
(17) [ʂa ¹ rɔp] ʃ → ʂ	‘xarope’
(18) [pikɔ ¹ rɛ] l → r	‘picolé’

Em (16) a fricativa alveopalatal [ʒ] dá lugar à fricativa retroflexa [z_l], ambas sonoras. No exemplo (18), a lateral alveolar sonora [l] é substituída pelo tepe alveolar [r]. Em (17) a fricativa retroflexa surda [ʂ] substitui a fricativa alveopalatal [ʃ], também surda.

- Monotongação (VV → V)

(19) [¹ go] ou → o/_#	‘gol’
(20) [¹ zɔ] u → ɔ/_#	‘anzol’
(21) [¹ mea] ei → e/C_V	‘meia’

- Apagamento da vogal final

Há em Xerente Akwéñ um processo de adaptação dos termos emprestados que consiste no apagamento da vogal final da palavra e que é bastante produtivo na língua, como nos exemplos:

Xerente	Português
(22) [¹ kawɕø] a → ø/_#	‘cauça’

- (23) [va'ʃinø] 'vacina'
 a → ø/ _#
- (24) [ʃa'rɔpø] 'xarope'
 ɪ → ø/ _#

3.1.4 *Empréstimos diretos*

Os tipos de empréstimos descritos nos itens anteriores são bastante comuns no nosso banco de dados e na fala corrente dos Xerente Akwén. Nessas modalidades de empréstimo, pudemos verificar mecanismos que a língua Xerente utiliza para incorporar palavras novas ao seu léxico, seja com adaptações morfofonológicas (e provavelmente sintáticas) do vocábulo emprestado, seja através de termos já existentes nela. Esses processos, como dito anteriormente, fazem parte do curso natural das línguas e se dão pela necessidade de ampliação vocabular em função das novas experiências socioculturais e a necessidade de comunicação decorrente delas. Contudo, empréstimos da língua majoritária são verificados na língua indígena de forma direta, como mostram os dados que seguem.

Xerente	Português
(25) [pikɔ'le]	'picolé'
(26) ['pãw]	'pão'
(27) [kaw'ʃãw]	'calção (bermuda)'
(28) [ɔʃpi'taw]	'hospital'
(29) [fu'gãw]	'fogão'
(30) ['pnew]	'pneu'
(31) [ba'tõ]	'batom'
(32) ['kaʃa]	'caixa/baú'
(33) [he'viʃta]	'revista'

Embora estes empréstimos sejam menos frequentes do que os apresentados anteriormente, já se dão em número bastante significa-

tivo, principalmente na fala dos +jovens que vivem na cidade, como veremos no item a seguir. Vale o alerta quanto à ocorrência deste tipo de empréstimo, que entendemos como um indício real de obsolescência de língua, uma vez que se dá por não haver tempo sequer de ser adaptado pela língua indígena, devido à velocidade com que os empréstimos estão entrando. Cabe mencionar ainda a ausência de atitude por parte dos próprios indígenas e das políticas linguísticas que precisam ser adotadas para reverter a situação.

3.2 As variáveis extralinguísticas

As variáveis observadas neste trabalho foram selecionadas a partir de hipóteses investigadas previamente no trabalho de campo e que, mais tarde, foram confirmadas ou não nos próprios dados. Assim, as variáveis que demonstraram maior relevância são i) idade; ii) espaço; iii) sexo e iv) escolaridade, o que também não esgota a possibilidade de análises futuras com outras variáveis. Para esta exposição, exemplificamos com a variável “espaço”.

As faixas etárias consideradas na composição das células sociolinguísticas são as citadas na metodologia. Embora a amostragem na cidade não tenha abarcado uma quantidade representativa de falantes em todas as faixas etárias e nos diferentes sexos, utilizamos estes dados pelo menos nas células sociolinguísticas que continham, no mínimo, cinco falantes em cada unidade espacial. Assim, pudemos contar, nesta variável, com os dados coletados dentro das faixas etárias ‘2’ (para ambos os sexos) e ‘3’ (para o sexo masculino), o que condiz com a maior fatia da população Xerente que vive em Tocantínia, formada principalmente por jovens estudantes.

3.2.1 Espaço

Tabela 1. Variação no espaço aldeia/cidade - faixa etária 3
- sexo Masculino (M) - 'avião'

faixa etária - 3	n. de falantes				
sexo - Masculino (M)	avião	cidade	%	aldeia	%
forma(s) utilizada(s) c/ mais frequência	[avi'õw]	4	66,7	3	42,8
outras formas	[wabuʂku'kwa]	1	16,65	-	-
	[wabuʂdar'bi]	-	-	2	28,6
	[hemorõʂikam'rõ]	-	-	1	14,3
	[rɔakunõhõrɔmɔra]	1	16,65	-	-
	[twrawrahimõ'hõ]	-	-	1	14,3
total		6	100	7	100

Tabela 2. Variação no espaço aldeia/cidade - faixa etária 2
- sexo Feminino (F) - 'avião'

faixa etária - 2	n. de falantes				
sexo - Feminino (F)	avião	cidade	%	aldeia	%
forma(s) utilizada(s) c/ mais frequência	[avi'õw]	5	83,3	4	50
outras formas	[hemõrɔmo'ra]	1	16,7	2	25
	[wdepiza'rbi]	-	-	1	12,5
	[rɔmo'ra]	-	-	1	12,5
total		6	100	8	100

Tabela 3. Variação no espaço aldeia/cidade - faixa etária 2
- sexo Feminino (F) - 'pá'

faixa etária - 2	n. de falantes				
sexo - Feminino (F)	pá	cidade	%	aldeia	%
forma(s) utilizada(s) c/ mais frequência	[tkaizapa'rʒɛ]	1	16,7	5	62,5
	['pa]	5	83,3	3	37,5
total		6	100	8	100

Tabela 4. Variação no espaço aldeia/cidade - faixa etária 3
- sexo Masculino (M) - ‘canivete’

faixa etária - 3	n. de falantes				
sexo - Masculino (M)	canivete	cidade	%	aldeia	%
forma(s) utilizada(s) c/ mais frequência	[kani'vet(j)]	3	50	-	-
	[şimkəm're]	2	33,3	4	57,1
outras formas	[rɔmnihi'rɛɛ]	-	-	1	14,3
	[tikmonihi'rɛɛ]	1	16,7	-	-
	[rɔmhiwazũ'zɛ]	-	-	1	14,3
	[rɔm'kwa]	-	-	1	14,3
total		6	100	7	100

Tabela 5. Variação no espaço aldeia/cidade -faixa etária 2
- sexo Feminino (F) - ‘sorvete’

faixa etária - 2	n. de falantes				
sexo - Feminino (F)	sorvete	cidade	%	aldeia	%
forma(s) utilizada(s) c/ mais frequência	[şo(r)'vet(j)]	6	100	3	37,5
outras formas	[rɔmwa'hi]	-	-	2	25
	[rɔmwahikterenzɔkta'bi]	-	-	1	12,5
	[rɔmwahi're]	-	-	1	12,5
não sabe		-	-	1	12,5
total		6	100	8	100

Como mostram os dados (destacados nas Tabelas 1 a 5), as formas “aportuguesadas”, ou seja, formas idênticas ao Português ou com alguma adaptação, são a maioria no contexto da cidade: 66,7% na Tabela 1 ; 83,3% nas Tabelas 2, e 3 e 100% na Tabela 5. Na Tabela 4 estas formas foram utilizadas por metade dos respondentes, ou seja, 50%.

Nas mesmas Tabelas (1-5) concluímos que na aldeia, pelo contrário, os empréstimos criados com elementos da língua Xerente são maioria: 57,2% na Tabela 1; 62,5% na Tabela 3 e 100% na Tabela 4. Na Tabela 2 estes empréstimos correspondem a 50% das respostas.

A grande divergência observada nas respostas dadas, em nosso entendimento, confirma a hipótese de Braggio (2008), de que os empréstimos não estão passando mais pelo uso coletivo. A dispersão areal dentro da reserva e para fora dela, assim como o afastamento sociocultural e ideológico entre as gerações parecem ser os principais motivos para que isso ocorra. Nesse sentido há, para a mesma palavra, formas que são mais usadas na aldeia (como as formas criadas com palavras da própria língua) e outras mais usuais na cidade (como as formas adaptadas e idênticas ao português). Da mesma forma, há formas usadas mais frequentemente pelos +jovens, enquanto outras são de uso predominante dos +velhos, conforme verificamos na variável “idade”, não contemplada neste artigo.

3.3 CODESWITCHING

Entre os Xerente, Braggio (1997 e 1998), aponta a ocorrência de mudança de código entre os adultos e Sousa Filho (2000, p. 123-128) mostra como já ocorre entre as crianças. Na amostra que segue, o pesquisador (P) está presente, quatro crianças xerente (Rosa [Rs], Ivo [Iv], Carlos [Cr] e Nara [Nr]),⁸ com proficiências diferenciadas no Português e Xerente, e até cinco anos de idade, estão brincando na parte de trás de uma casa na aldeia. O estudo de Sousa Filho tinha como objetivo observar a aquisição do Português entre as crianças Xerente: como e quando se dava esta aquisição.

(Cr) *Arekba, arekba!* [Vamos, vamos embora]

(Nr) *Azekba!* [Vamos]

(Rs) Deixa ele menina. [Para a amiga deixar o gravador em cima do banco]

(Nr) Tá.

(P) Deixa aqui, ta.

(Iv) Eu vou é sentar. Vou sentar aqui.

(Rs) Vou fazer o almoço.

- (P) Deixa bem aqui. Enquanto vocês brinca, ele ta aqui filmando vocês brincando. [Deixa o gravador e sai]
- (Cr) *Kanēsñā zanōkwa krē kwa awē.* [É assim que a gente faz a ponta do fogão]
- (Nr) *Azekba!* [Vamos]
- (Rs) Não pega não. Não pega não, menina.
- (Cr) *Kanēsñā to tahā?* [É assim, quer ver?]
- (Cr) *Kāto wazumzā sēmre.* [Coloca o feijão dentro do prato]
- (Nr) Cadê o prato?
- (Nr) *Haku kmã sirni.* [Eu vou encher]
- (Cr) *Aí. Bukã rē.* [É esse aqui]
- (Cr) É mermo. Óia.

O exemplo acima envolve a mudança de código em frases completas, o que também verificamos em nosso *corpus*. Além disso, observamos a ocorrência de *codeswitching* também em relacionadores frasais e expressões, como nos exemplos a seguir:

- (34) *Arē aipi krēwa kritme)*... **Nū sei que hora.**
‘Aí ele voltou pra casa’...
- (35) **Isso é fácil:** *toka teza waimē za aimōr*
...: ‘você irá comigo’.
- (36) **Por causa di** *pikō*...
‘Por causa de mulher’...
- (37) **Nem** *wa waihkudi.*
‘Nem eu tenho conhecimento’
- (38) *Wa wat brutmē ĩmōr,* **mas** *tahā māt mō.*
‘Eu fui pra roça, mas ele foi embora’.
- (39) **...entō** *tahē mōto amke wī.*
‘...então ele matou a cobra’.

(40) Wanõrĩ wato aisaihĩrni **puque...** are kmēsi kwaba.
'Nós chamamos você porque... vamos comer!'

(41) **Avi mari!**... ĩpahidi.
'...estou com medo'.

Estes exemplos foram observados nos eventos de fala⁹ em situações diversas, desde conversas informais entre duas ou mais pessoas até discursos para um público maior. É importante salientar que em todos os exemplos um falante xerente fala com outro(s) xerente(s) em Xerente, fazendo a mudança de código de uma língua para a outra quando necessário, ou seja, se há dois falantes xerente mesmo na presença de não índios, comunicam-se em Xerente. Várias conversas se deram na nossa presença com essa modalidade e, em alguns casos, na presença de outros não índios. Mesmo durante uma aula, de língua Xerente no colégio CEMIX e da qual participamos em maio de 2007, observamos expressões tais como “*ai num tem comu*”, “*como é professor?*”, “*Isso é difis*”. Tanto professor como alunos são indígenas, ou seja, as crianças estão usando *codeswitching*, como já prevíamos. O nosso corpus ainda inclui marcadores discursivos como *porque* [pu'ke], *como*, *só*, *também*, *ainda* e expressões do tipo *primera vez*, *num é*, *até hoje*, *pelo menu*, *uma vez*, *chupano o dedu*, *nem nada*, *mão fechada*, *tem vez*, *é uma coisa*, *o que que tem* [ukekitē], *é só assim*. Segundo Mori (1999), quando os empréstimos passam do nível do léxico, a probabilidade de perda da língua é grande.

Limitamo-nos neste artigo aos exemplos dados e não nos aprofundaremos na análise do fenômeno da mudança de código no falar bilíngue xerente, ficando aqui uma janela para trabalhos futuros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, no presente trabalho, mostrar sucintamente a relação do fenômeno do empréstimo com a realidade sociolinguística da língua indígena, dada a atual situação de contato intercultural entre os Xerente e os não indígenas. De forma incipiente, observamos como a prática do *codeswitching* caminha lado a lado com o empréstimo neste mesmo contexto.

Quanto aos aspectos linguísticos, identificamos quatro tipos de empréstimos: i) por criação; ii) *loanblends*; iii) com adaptações fonético/fonológicas e iv) diretos.

Os empréstimos diretos e adaptados foram aqui considerados como mais “aportuguesados”, por serem as formas que apresentam menos resistência por parte do falante para introduzir um novo termo em sua língua. Os diretos são idênticos às formas portuguesas, inclusive com a utilização de fonemas que não ocorrem na língua Xerente, e os adaptados fonologicamente são muito próximos.

As variáveis extralinguísticas que demonstraram ser mais relevantes no refinamento de nossa análise foram: i) espaço; ii) idade; iii) sexo e iv) escolaridade. Entre estas, a de menor expressão é a variável sexo. Neste trabalho, exemplificamos com a variável “espaço”.

De uma forma sucinta, podemos dizer que os empréstimos aportuguesados são mais comuns entre as crianças e os Xerente +jovens, que vivem na cidade e que, portanto, têm maior contato com os não indígenas. Também podemos dizer que as formas criadas com elementos da língua nativa são de uso mais amplo dos indígenas +velhos, que vivem na aldeia.

De fato, a realidade social xerente, de migração, dispersão interna, escolarização através do Português, é uma das potencializadoras da invasão da língua Xerente Akwén por essa língua.

Na cidade, o modelo cultural não índio vem sendo socialmente imposto, principalmente entre as crianças e adolescentes, no sentido de assim obterem aceitação social, o que, conseqüentemente, acelera o processo aculturativo. Nesse espaço de conflito diglôssico, a língua indígena é estigmatizada e enfraquecida, ficando a sua complexidade estrutural e funcional vulnerável à entrada da língua dominante. As palavras do jovem Lázaro Xerente, que vive em Tocantínia, onde trabalha e acompanha os filhos que ali estudam, traduzem um pouco desta realidade quando fala da vida que leva na cidade: “nós temos uma preocupação com a nova geração que tá vindo, mas, é isso mesmo... nós tem que se adaptar e ter adequação pra situação que tá aí” (Diário de campo, setembro de 2007).

Quando o povo Xerente era mais coeso e em menor número, parecia haver tempo para que os novos termos passassem pelo filtro da língua, através dos mais velhos, e assim fossem adotados por todos.

Hoje enfrentam uma situação de dispersão areal interna e de constante migração para a cidade, além do conflito ideológico entre gerações, o que parece ser determinante para a grande variação nas respostas dadas. Este fato, em nosso entendimento, aliado à constatação de que os empréstimos estão entrando numa velocidade muito grande, pode ser considerado um sério indício de que a língua se encontra em estado de desvitalização.

Esperamos ter fornecido, neste trabalho, através do estudo dos empréstimos, dados significantes para clarear a atual situação sociolinguística e, conseqüentemente, a situação cultural e política do povo Xerente Akwén.

Apesar da atual situação em que a língua se encontra, é importante salientar que o povo indígena Xerente demonstra ter consciência da importância da preservação de sua identidade, cultura e língua, tanto que muitos dos que estão estudando na cidade planejam voltar para suas aldeias a fim de ali aplicar o conhecimento que absorveram a favor de seu povo. Essa consciência e preocupação parecem ser ainda maior entre os mais velhos, atitude que observamos em muitos exemplos, quando preferem afirmar que não sabem nomear um objeto/conceito a responder com a forma portuguesa, mesmo que a utilizem em seu cotidiano. Este sim deve ser considerado um passo importante para o fortalecimento da identidade étnica e para que sejam buscados, criados e implantados projetos de (re)afirmação e de sua língua e de sua cultura.

LANGUAGE OBSOLENCE IN XERENTE AKWÉN: DIGLOSSIA, BORROWING,
AND CODESWITCHING

ABSTRACT

Diglossia, borrowing and codeswitching are considered to be one of the major threats to indigenous languages when in contact to non indigenous and prestigious languages, generally the official language of a country. Although sometimes invisible to their speakers, borrowings and codeswitchings pervade the indigenous language to a point that it is almost impossible to distinguish which of them is the basic language. This article deals such subjects with the Xerente Akwén, a highly bilingual people. The Xerente Akwén is an indigenous language of the Jê family, spoken by 3,600 individuals of the same name in the

state of Tocantins, Brazil. The data were collected at the local during the year of 2010 through observations, face to face interviews and questionnaires. The questionnaires were measured by using a statistical design. The results show that there is a massive number of borrowings and codeswitchings made mainly by the youngest individuals causing a situation of diglossia. Obsolescence of the language remains as an open question to be answered.

KEY WORDS: linguistic contact, Xerente Akwén, borrowing, codeswitching, diglossia.

NOTAS

- 1 Disponível em: <www.unesco.com>. Acesso em: 15 set. 2010.
- 2 Braggio (1998), citando Coelho da Mota (1996), aponta para a visão sócio-histórica de diglossia em que a existência do contato linguístico supõe o contato social. Este se dá em situações de comunicação diversas que, por sua vez, englobam relações sociais, políticas e culturais também diversificadas e que condicionam as relações linguísticas. A noção de diglossia, assim, quando aplicada a povos minorizados, como os indígenas, aponta para uma situação de dependência, estabelecida sócio-historicamente, em que uma língua se impõe sobre a outra, geralmente a majoritária (a língua oficial) sobre a minoritária (a indígena), uma vez que estamos falando de grupos com relação assimétrica, com configurações de poder político desiguais (Braggio, 1988). Nesse sentido, Hamel (1988, p.52) afirma que “la diglossia, por tanto, se refiere a una relación de poder entre grupos sociales” onde “la institucionalización y legitimación de una lengua (y un discurso) en un ámbito determinado se da en virtud del poder que dispone el grupo lingüístico en cuestión”. Para mais detalhes sobre a noção de diglossia, veja Grosjean (1982), Braggio (1998, 2001/2002) e Hamel (1988).
- 3 Embora já existam alguns casos de crianças xerente que têm como 1ª língua o Português (veja Braggio, 1997), em geral, a primeira língua adquirida (língua materna) é o Xerente (daqui em diante L1), e o Português (ou L2) é adquirido posteriormente na escola e no contato com os não índios.
- 4 Não cabe aqui nos aprofundarmos nesta discussão. Para saber mais sobre o assunto, veja Grosjean (1995) e Oliveira (2002), além de vários outros autores citados por estes autores.
- 5 Não há dados precisos a respeito da fração da população Xerente que vive em Tocantínia.

- 6 Por uma questão de espaço, apenas uma amostra dos dados será apresentada neste trabalho. Para uma visão mais global das análises veja Mesquita (2009).
- 7 Segundo Sousa Filho (2007), o nominalizador (NMZ) Xerente-zɛ, quando sufixado ao verbo, transforma a estrutura verbal em nominal. Santos (2001) acrescenta que esta é sua única função quando age sobre os verbos, uma vez que este sufixo não possui semântica específica.
- 8 Nomes fictícios.
- 9 Entendemos aqui o termo ‘eventos de fala’ na concepção de Hymes (1994), para o qual devemos considerar os discursos produzidos, as escolhas pragmáticas e a variação de estilo, para o estudo de estruturas linguísticas como o vocabulário e a gramática.

REFERÊNCIAS

- BRAGGIO, S. L. B. Situação sociolinguística dos povos indígenas de Goiás e Tocantins: subsídios educacionais. *Revista do Museu Antropológico*, v. 1, n. 1, Goiânia, UFG, p. 1-62, 1992.
- BRAGGIO, S. L. B. Aquisição e uso de duas línguas: variedades, mudança de código e empréstimo. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, n. 20, p. 139-172, 1997.
- BRAGGIO, S. L. B. Contato entre línguas: subsídios para educação escolar indígena. *Revista do Museu Antropológico*, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 121-134, 1998.
- BRAGGIO, S. L. B. A instauração da escrita entre os Xerente: conflitos e resistências. *Revista do Museu Antropológico*, Goiânia, v. 3/4, n. 1, p. 9-45, 2000.
- BRAGGIO, S. L. B. *Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção: documentação (descrição e análise) e tipologias sociolinguísticas*. Projeto de Pesquisa CNPq, Processo n. 501337/2003-2. Goiânia: UFG, 2003a.
- BRAGGIO, S. L. B. Políticas e direitos linguísticos dos povos indígenas brasileiros. *Signótica*, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 129-146, 2003b.
- BRAGGIO, S. L. B. Um estudo tipológico sociolinguístico dos Xerente Akwén: questões de vitalização. In: AGUIAR, Ofir Bergmann de (Org.). *Região, nação, identidade*. Goiânia: AGEPEL/ Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005a. p. 165-183.

BRAGGIO, S. L. B. Revisitando a fonética/fonologia da língua Xerente Akwén: uma visão comparativa dos dados de Martius (1886) a Maybury-Lewis (1965) com os de Braggio (2004). *Revista Signótica*, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 251-273, 2005b.

BRAGGIO, S. L. B. Índícios sobre a situação do léxico na língua Xerente Akwén: uma reflexão sobre os empréstimos e sua relação com a dispersão areal, a migração e a escolarização. *Revista UniverSOS*, Universidade de Valencia, Espanha, n. 5, p. 193-216, 2008.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1991.

CARVALHO, N. *Empréstimos linguísticos*. São Paulo: Ática, 1989.

COX, M. I. P.; Assis-Peterson, A. A. Transculturalidade e transglossia: para compreender o fenômeno das fricções linguístico-culturais em sociedades contemporâneas sem nostalgia. In.: CAVALCANTE, M. C.; BORTONI, S. M. (Org.). *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas: Mercado das Letras, 2007. p. 23-44.

GRANNIER, D. M.; SOUZA, S. L. Fonologia segmental da língua Xerente. In: *Simpósios Integrados de Letras – Linguagem: múltiplos olhares*. Goiânia, UFG, 5 a 7 de outubro de 2005.

GROSJEAN, F. *Life with Two Languages: an Introduction to Bilingualism*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1982.

GROSJEAN, F. A psycholinguistic approach to code-switching: The recognition of guest words by bilinguals. In: MILROY, L.; MUYSKEN, P. (Ed.). *One Speaker, Two Languages: Cross-Disciplinary Perspectives on Code-Switching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 259-275.

GROSJEAN, F. Bilinguismo individual. Tradução de Heloísa Augusta Brito de Mello e Dilys Karen Rees. *Revista UFG*. Goiânia, v. 5, p. 163-176, dez. 2008.

HAMEL, R. E. La política del lenguaje y el conflicto interétnico – Problemas de investigación sociolingüística. In: ORLANDI, E. (Ed.). *Política lingüística na América Latina*. Campinas: Pontes, 1988. p. 41-74.

HYMES, D. *Foundations in sociolinguistics – an ethnographic approach*. 9. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1994.

KRIEGER, W. B.; KRIEGER, G. C. *Dicionário escolar: Xerente-Português-Xerente*. Rio de Janeiro: Junta das Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, 1994.

McMAHON, A. M. S. *Understanding language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

- MESQUITA, Rodrigo. *Empréstimos do Português em Xerente Akwén*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.
- MORI, A. C. Apresentação à educação indígena e interculturalidade. In: MORI, A.; NASCIMENTO, L. (Org.). *Educação indígena*. Campinas, SP: CEDES/Unicamp, 1999. p. 5-10.
- NETTLE, D.; Romaine, S. *Vanishing Voices. The extinction of the world's languages*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- OLIVEIRA, A. M. R. Acesso ao léxico e alternância de línguas em bilíngues. *Revista Educação & Comunicação*, Viseu, v. 7, p. 86-101, 2002.
- RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.
- ROMAINE, S. *Bilingualism*. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1995.
- SANTOS, J. C. F. Morfologia do Substantivo Xerente. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, v. 7, n. 21, 2001. Disponível em: URL: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(21\)08.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(21)08.htm)>.
- SIQUEIRA, K. M. de F. *Aspectos do substantivo na língua Xerente*. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.
- SOUSA FILHO, S. M. *Aquisição do Português Oral pela criança Xerente*. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2000.
- SOUSA FILHO, S. M. *Aspectos morfossintáticos da língua Akwén Xerente (Jê)*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.
- SOUZA, S. L. *Descrição fonético-fonológica da língua Akwen Xerente*. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras, UnB, Brasília, 2008.
- VIEIRA, R. P. F. *O papel da língua nativa na aquisição de uma segunda língua escrita na escola indígena Xerente, Waikarnãse*. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.